

Manuelli Kölln-1

1-Universidade Federal de Viçosa

Vivemos em um momento econômico e político de nossa história no qual as exigências feitas sobre os indivíduos são as mais variadas, desde as exigências feitas pelo mercado de trabalho, às exigências da vida em sociedade permeada por novas formas de relações sociais, materiais e ambientais. Tais situações sofrem interferências de acordo com as capacidades dos indivíduos em termos de leitura de seu contexto sócio-cultural-histórico. A educação escolar também está sofrendo transformações e moldando-se às novas atribuições que lhe são dadas. É considerada um direito inalienável de todo cidadão, e deve ser pensada como meio de promoção de experiências com vistas ao desenvolvimento integral das capacidades e conhecimentos de cada um. Esta integralidade pauta-se no desenvolvimento contínuo de dimensões inerentes a todo ser humano, sendo elas: corporal, sentimental, moral e espiritual. A arte, considerada em sua dimensão cultural, é fruto da percepção e ação de indivíduos que expressam suas concepções, princípios, espaços, tempos e vivências. Por este motivo, deve ser contemplada no contexto de aprendizagem como meio de ampliação da visão de mundo dos alunos, favorecendo o contato com realidades e visões de mundo que não as suas e, por consequência, promover a compreensão e valorização da diversidade. Para além da dimensão cultural, histórica e social da arte, a promoção de experiências artísticas na escola também propicia o desenvolvimento do raciocínio, da imaginação, da percepção, da observação e do conhecimento e controle da corporalidade, que são, por sua vez, indispensáveis ao desenvolvimento das dimensões corporal, sentimental, moral e espiritual. No processo de criação, o indivíduo é levado a atentar para suas próprias emoções, libertar-se de tensões, indagar e ajustar-se, ou seja, organizar seus pensamentos, sentimentos, sensações, hábitos e materiais de acordo com o contexto e suas experiências. Nas palavras de LOWENFELD (1977, p. 17), “(...) tudo quanto uma criança faz e todas as experiências por que passa, exercem alguma influência sobre

ela. Se a criança, em seu trabalho criador, procura continuamente relacionar entre si todas as suas experiências, tais como pensar, sentir, perceber (ver, tocar, etc), tudo isso deve também exercer um efeito de integração sobre sua personalidade”. É necessário, portanto, incentivar a criação por parte das crianças, de forma a levá-las a elaborar seus sentimentos e impressões de forma integradora. A arte, dessa forma, pode ser uma aliada forte na promoção de um “estar no mundo” atuante, crítico e significativo por parte tanto dos alunos quanto do educador, que desenvolvem juntos sua capacidade de interferência criadora na sociedade. Tendo isso em mente, venho buscando, como participante do PIBID-Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa, desenvolver atividades que contemplem a arte e o fazer artístico como aliados na ampliação das experiências de aprendizado dos alunos do quarto ano de uma escola municipal. Essa turma é composta por 16 crianças entre 9 e 14 anos, sendo doze meninos e quatro meninas, moradores de bairros periféricos e pertencentes a famílias de trabalhadores e trabalhadoras das camadas populares da cidade de Viçosa-MG. Com este objetivo, mesmo à época não tendo ainda muito claros os argumentos em prol da abordagem da arte no processo de ensino-aprendizagem em turmas dos primeiros ciclos do ensino fundamental, busquei a realização de atividades que oportunizassem, por minha parte, um maior conhecimento da subjetividade, individualidade e contexto social de cada aluno e, por parte das crianças, um maior ou primeiro contato com materiais e formas de expressão artísticos, visto que a atual estrutura curricular das séries iniciais do ensino fundamental, na referida escola, não contempla momentos específicos para pensar e promover a arte. Iniciei uma experiência lendo com eles o livro “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol. Propus que fizéssemos ilustrações a respeito do que já tínhamos lido do livro até determinado momento, para que formássemos um painel e expuséssemos as ilustrações na Festa da Família. Para tanto,

ofereci a eles folhas A4, canetinhas, lápis de cor, giz de cera e cola glitter. Nesse contexto, alguns desenharam coisas que nada tinham a ver com Alice, como, por exemplo, o brasão de seu time favorito. Não me opus, deixando-os o mais à vontade possível, impondo a única condição de que dividissem todo o material, uma vez que não havia material suficiente para cada um em separado, o que fizeram sem problema algum. Nessa ocasião, dois desenhos em especial chamaram minha atenção. O desenho de um aluno, com muita riqueza de cores e detalhes, demonstrava compreensão acerca da estória do livro, e tinha, na parte central inferior da folha, uma pequena estória escrita, começando com “Era uma vez”, sobre uma menina que morava com a avó, e que não se relacionava com a estória contada no livro de Carrol, apesar de todo o resto do desenho fazer referência a ela. Este detalhe demonstra claramente o desenvolvimento e expressão, no processo criativo, de elementos integradores de sua própria personalidade. O outro desenho que quero fazer destaque, é de um aluno rotulado, na escola, como “menino problema”. No início da atividade ele pergunta se poderia desenhar “neguinho tomando tiro” e depois ri. Respondo que ele estava livre para desenhar o que quisesse, e que tais desenhos apenas não poderiam fazer parte do mural sobre Alice por uma questão temática. Converso com ele afirmando que uma imagem de alguém estar levando um tiro é muito triste, e pergunto se ele também não acha muito mais interessante desenhar algo feliz. Ele afirma que sim, e logo depois torna a perguntar se realmente poderia desenhar qualquer coisa. Ao terminar, esse aluno apresenta um desenho em uma folha em que fez margens coloridas, no chão grama e duas arvorezinhas, no céu um sol sorrindo e três nuvens chovendo. No meio do desenho, flutuando, uma menininha sobre a qual escreveu “Alice”. Ao lado dela, um grande coração inclinado escrito “AMOR” e “PAZ”. Ao lado desse coração, outros bem menores, e dentro de um deles escrito novamente “AMOR”. Ao lado desses corações, uma espécie de nuvem vermelha deitada, dentro da qual estão escritas as palavras “AMIZADE” e “UNIÃO”. Do outro lado, seu nome escrito bem grande e circulado. O desenho surpreende especialmente por ter sido realizado por este aluno em específico, conhecido em toda a escola como um menino extremamente agressivo e inquieto, com uma série de dificuldades de relacionamento. Sua atividade criativa evidencia assim, entre tantas outras questões, caracteres de sua personalidade, subjetividade e anseios, os quais não consegue demonstrar através das outras linguagens que possui à disposição. Essa atividade tornou-se, assim, de vital importância para o de-

envolvimento, em mim, de uma percepção maior acerca das potencialidades do trabalho com artes na busca pelo conhecimento de meu contexto de atuação e por uma educação integradora, levando-me a buscar um maior entendimento a respeito da arte-educação e das suas possibilidades de interlocução com as demais áreas do conhecimento de forma interdisciplinar, o que vem sendo pensado e planejado para a continuidade da atuação junto a essa turma no decorrer de minha experiência no Pibid. O Pibid, dessa forma, vem se mostrando uma excelente oportunidade de formação, na qual me é possibilitado buscar um aperfeiçoamento pessoal e profissional, e através do qual espero experimentar situações e contextos cada vez mais enriquecedores, em busca de um ensino significativo e compreensão global da prática educativa.

Referências Bibliográficas

LOWENFELD, Viktor. A criança e sua arte: um guia para os pais. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977. 224 p.

Área: Pedagogia

Palavras-chave: Arte-educação, Pedagogia, Formação de Professores